

## **Comunicação e Saberes em Diálogo: Perspectivas Interacionais nas Organizações Cooperativas<sup>1</sup>**

Vera Regina SCHMITZ<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação saberes e comunicação em uma organização cooperativa. Para tanto, apresenta o trabalho associado, que se origina das crises do capitalismo. Aborda os saberes do trabalho associado, fortalecidos e baseados na mobilização e articulação dos sujeitos na atividade. Como contribuição para análise, traz alguns excertos de uma pesquisa realizada em uma cooperativa de produção autogestionária. Evidencia-se, através desta reflexão, que o trabalhador associado, no seu fazer, produz e cria novos saberes, em diferentes espaços de diálogo, contribuindo para a humanização das relações produtivas.

**Palavras-chave:** Trabalho. Trabalho Associado. Cooperativas. Saberes. Comunicação.

### **1 Introdução**

A educação pode ser entendida como interlocução de saberes, em constante construção e reconstrução, originada do conhecimento acumulado, das tradições culturais, da diversificação dos espaços sociais e do convívio humano. O saber, como substantivo, designa o ato de saber, ou o processo em que o sujeito faz suas aprendizagens ou ainda, o produto da própria aprendizagem como conhecimento adquirido. No mundo do trabalho, a relação do sujeito trabalhador com o saber se manifesta via características que são próprias de sua história, interesses e projetos de vida. Fischer e Tiriba (2009, p. 293), tomam “saber” na seguinte acepção:

A palavra saber é utilizada como sinônimo de conhecimento, envolvendo os aspectos materiais, intelectuais e subjetivos presentes na atividade do trabalho e sendo entendido como resultante dos processos prático-teóricos de transformação e compreensão da realidade humano-social.

Já a comunicação é uma palavra derivada do latim *communicare* e é conatural ao ser humano. Significa tornar comum, partilhar, trocar opiniões, sentimentos e emoções. É

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

muito mais do que a transferência de informação de um emissor para um receptor. Para Wolton (2011, p. 87), “A comunicação, na maior parte do tempo, não consiste em compartilhar pontos de vista comuns entre indivíduos livres e iguais, mas em organizar a convivência entre visões de mundo frequentemente contraditórias”. É um processo dialógico, complexo e dinâmico, no qual as pessoas estabelecem relações das mais variadas formas, sendo, portanto, o fundamento da interação entre elas. Não há comunidade, não há sociedade sem comunicação entre as pessoas.

Busca-se, neste artigo, abordar a comunicação e a relação com os saberes produzidos e mobilizados para e no trabalho associado. A pesquisa foi realizada na Cooperativa de Produção Cristo Rei Ltda – COOPEREI, uma cooperativa autogestionária, criada em 15 de agosto de 2001, na cidade de São Leopoldo/RS, por decisão de quarenta e um (41) trabalhadores remanescentes da antiga indústria metalúrgica Carlos Augusto Meyer S/A - Alumínio Econômico, após a decretação de sua falência. Ela nasce, como tantas outras que emergiram na década de 90 no Brasil, como “estratégias de sobrevivência identificadas com a organização e a gestão pelos próprios trabalhadores associativistas (como cooperativas ou associações) ou de empresas falidas, permitindo a manutenção e criação de postos de trabalho e a garantia da renda”. (NAHAS, 2006, p. 37).

A pesquisa constituiu-se num estudo de caso em que se utilizou a observação direta, que auxiliou a reconhecer e mapear comportamentos relevantes e outras evidências no ambiente fabril. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas buscando compreender diálogos, atitudes, valores e motivações relacionadas às ações dos trabalhadores da Cooperativa. Como procedimento de análise das entrevistas utilizou-se a análise de conteúdo.

## **2 Trabalho Associado**

O trabalho associado ou cooperativado surge e ressurgiu, ao longo dos anos, em intervalos, acompanhando as crises do capitalismo, em vários lugares do mundo. O cooperativismo operário já estava presente nas lutas de resistência à Revolução Industrial nos séculos XIX e XX, período em que vários experimentos associativos foram realizados, incentivados principalmente por Robert Owen (1771-1859), Carlos Fourier (1772–1837), Saint-Simon (1760-1825), Louis Blanc (1811-1882), Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), socialistas utópicos da época, que estiveram à testa de várias iniciativas. Entre outros destaques, ressalta-se a Comuna de Paris (1871), que desenvolveu aspectos fundamentais da autogestão, assim como a cooperativa de consumo criada em 1844, na Inglaterra, por

dezenas de operários, denominada Pioneiros Equitativos de Rochdale. Reaparece, em alguns países europeus, como França, Itália, Inglaterra, no âmbito do movimento social de 1968, e em Portugal, após a revolução dos Cravos, em 1974, assim como no quadro atual da crise mundial do capitalismo. (LEITE, ARAUJO, LIMA, 2015).

São muitos os impactos negativos que o atual momento econômico traz para a sociedade, especialmente para os trabalhadores, com a desconstrução do trabalho, no seu sentido ontológico. Percebem-se estratégias como a diminuição dos contratos de trabalho por tempo indeterminado, substituídos por trabalho temporário; rebaixamento salarial; trabalho falsamente autônomo; subcontratação; trabalho à domicílio; feminização da força de trabalho; perda de direitos; entre outros. Segundo Senett (2006, p. 50), “A organização incha e se contrai, empregados são atraídos ou descartados à medida que a empresa transita de uma tarefa a outra”. Estas indicações levam a se perceber que o mundo do trabalho está sofrendo mudanças estruturais.

E é em circunstâncias na qual a crise do capitalismo assume dimensões mais profundas, que as experiências cooperativas adquirem um caráter social mais significativo. “A economia solidária foi concebida pelos ‘utópicos’ como uma nova sociedade que unisse a forma industrial de produção com a organização comunitária da vida social”. (SINGER, 2002, p. 115). São formas de reagir ao desemprego estrutural e à exclusão social, que resgatam o cooperativismo operário dos séculos XIX e XX, identificadas como novas formas de organização da sociedade, chamados de empreendimentos econômicos solidários<sup>3</sup>. Constituem-se como associações, cooperativas, empresas recuperadas e combinam atividades econômicas e sociais, desenvolvem atividades nos setores da produção, comercialização, prestação de serviços, reciclagem, crédito, entre outros. Surgem, no Brasil, a partir dos anos 80, originadas de experiências ocorridas nos meios populares rurais e urbanos. Segundo Culti, Koyama, Trindade (2010, p. 7), “Economia Solidária é um modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia o trabalho associado, a cooperação e a autogestão”.

Estas formas de organização do trabalho possibilitam a partilha da propriedade e da gestão, das responsabilidades e dos ganhos, assim como dos saberes humanos necessários para o bom-sucedido dessas iniciativas. Caracterizam-se pelo modo como são administradas, materializando o princípio democrático da tomada de decisões, do exercício de poder compartilhado, produzindo e, ao mesmo tempo, expressando a autonomia de um grupo,

---

<sup>3</sup> No Brasil, o Mapeamento Nacional da Economia Solidária, realizado pela SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária, no ano de 2013, identificou 19.708 mil empreendimentos espalhados pelo país.

lugar onde os trabalhadores assumem a produção, a comercialização e a apropriação dos excedentes.

Este artigo deteve-se em uma empresa de massa falida, recuperada pelos trabalhadores e transformada em uma cooperativa de produção, como já mencionado anteriormente. Segundo Singer (2002, p. 89), “Cooperativas de produção são associações de trabalhadores, inclusive administradores, planejadores, técnicos etc., que visam a produzir bens ou serviços a serem vendidos em mercados”. O autor entende as cooperativas de produção como o protótipo da empresa solidária, pois seu princípio básico é que os sócios tenham a mesma parcela do capital e o mesmo direito de voto em todas as decisões. “A chave desta proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais”. (2002, p. 9).

Considerando as características acima, as empresas recuperadas, nos últimos anos, passaram a fazer parte da economia solidária, como alternativa capaz de suprir o indivíduo de sua necessidade de trabalho, como gerador de renda e como fonte de uma vida digna. Estas organizações possuem a intenção de fortalecer politicamente uma nova organização da produção, com dinâmicas socioeconômicas próprias, na qual o trabalhador assume a centralidade do processo de toda a cadeia produtiva<sup>4</sup>, buscando superar a idéia de lucro como primeira e última finalidade das empresas, contrapondo, assim, à lógica econômica atual.

### **3 A Comunicação e os Saberes para e no Trabalho Associado**

O trabalho associado, ou cooperativado, enquanto espaço de trabalho e de vida, é também um espaço de dinamização de saberes e possível construção de um novo, próprio e caracterizado pela forma de vivenciar e entender a ação coletiva. Neste contexto, a educação é vista, principalmente, como elemento de diálogo e propulsor do fortalecimento da natureza dos empreendimentos solidários. A educação pode ser traduzida como uma busca em ser mais, na compreensão de que “O homem deve ser o sujeito de sua própria

---

<sup>4</sup> As cadeias produtivas apontam para caminhos de integração e superação de problemas enfrentados pelos empreendimentos solidários, de forma individual. As cadeias abarcam o conjunto das etapas das atividades, desde a produção até o consumo de um bem ou serviço, incluindo o processo que parte da matéria-prima, passa pelo uso de máquinas e equipamentos, pela incorporação de produtos intermediários até o produto final que é distribuído por uma vasta rede de comercialização. Possibilitam a cooperação entre empreendimentos do mesmo setor produtivo, colaborando para o desenvolvimento local e regional.

educação”. (FREIRE, 1985, p. 28). O homem, social e historicamente, é capaz de apreender.

[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (FREIRE, 1996, p. 77-78).

Na economia solidária, o processo educativo acontece no cotidiano dos empreendimentos, nas relações e nos processos que formam homens e mulheres. Neste sentido, percebe-se o homem como um aprendiz que quando desafiado por diferentes mecanismos, também pode tornar-se um eterno aprendiz, um curioso capaz de superar diferentes desafios, protagonista da produção integral de sua existência.

O trabalhador, como sujeito vivente, possuidor de toda uma universalidade de saberes, deixa de ser um mero executante determinado pelo seu lugar nas relações sociais e pelos dispositivos técnicos, introduzindo no seu dia-a-dia possibilidades de modificações nas tarefas realizadas, competências estas que possibilitam o desenvolvimento de uma tecnologia própria do trabalhador, um saber originado da inteligência investida no trabalho.

Além de transformar o produto em mercadoria, o próprio trabalhador se transforma no processo, pois o trabalho sempre permite uma iniciativa própria, e é neste aspecto que o trabalhador se identifica. Uma organização, “[...] é também terreno de criação de sentido para os trabalhadores, espaço onde se constroem suas identidades, [...]” (Santos, 2000, p. 128). Neste sentido, entende-se que muitos saberes, originados da experiência, podem complementar, problematizar e mesmo criar novos conceitos úteis para diferentes grupos sociais.

Segundo Charlot (2005, p. 41) estudar a relação que o sujeito tem com o saber “é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular”. Este saber recobre o que existe de histórico, que vão desde atitudes conscientes, expressas em linguagem, que se manifestam e até aprendizagens não conscientes, não expressas em linguagem, mas presentes nas atitudes e no desenvolvimento das ações do dia-a-dia do trabalhador.

O fato de sermos seres inacabados, “nos faz seres responsáveis” (Freire, 1996, p.62). No entendimento de que a atividade industriosa<sup>5</sup> é o estágio de arbitragem, cabe ao sujeito operante decidir e se debater entre as possibilidades de encaminhamentos e de qual saber será manifestado, individualmente ou coletivamente. Aqui, destacam-se os possíveis conflitos inerentes a este momento do trabalho, atravessados por debates de valor e escolhas, no confronto das dificuldades em manter-se a neutralidade e direcionamentos políticos de aproveitamento das experiências e saberes já instituídos pelo homem. São momentos que envolvem a própria história do trabalhador, que não é construída na neutralidade. Para Schwartz (2003, p.27), “É a dimensão irredutivelmente política do trabalho e por aí mesmo a dimensão política da produção e da legitimação de saberes no trabalho”.

Assim, fica claro o *locus* do trabalho como espaço de produção do saber, assim como espaço das trocas e interações e neste sentido, o espaço do diálogo, considerando a premissa de que quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa.

O local do trabalho também é o local da comunicação. Pressupõe a interação entre os sujeitos, na busca de um saber comum, que determina sua capacidade crítica em compreender a sociedade em que vive, e a organização social a que pertence. Para Marques, (1996, p. 14):

“Interlocução de saberes significa, por outra parte, que a educação se cumpre num diálogo de saberes, não em simples troca de informações, nem em mero assentimento acrítico a proposições alheias, mas na busca do entendimento compartilhado entre todos os que participem de mesma comunidade de vida, de trabalho, de uma comunidade discursiva de argumentação”.

A atividade do trabalho está diretamente relacionada à atividade linguageira e é permeada pelo saber produzido na atividade industriosa. As relações de saber são relações dialógicas do sujeito com ele mesmo, com os outros e com o mundo. Esta relação se dá por meio da linguagem. “[...] elemento bastante essencial da regulação, re-regulação, recomposição permanente da atividade, aliás, simultaneamente individual – porque se pode falar consigo mesmo – e coletiva. (SCHWARTZ, 2007, p. 136).

A atividade industriosa, na concepção de Schwartz (2007), supõe cooperação entre os sujeitos. Esta cooperação se dá por meio das trocas linguageiras, traduzidas em gestos,

---

<sup>5</sup> No livro *Palavras-chave*, o autor Raymond Williams define indústria, baseando-se em dois sentidos: instituições ou conjunto de instituições para a produção e o comércio, que adjetiva de industrial e como qualidade humana de esforço sistemático, que o autor adjetiva de industriosa. (2007, p. 230).

olhares, falas, textos verbais ou não-verbais. Nestas trocas, há a presença de modalidades manifestadas no processo da comunicação, percebidas por meio da entonação, da ordenação de palavras, dos modos verbais, etc., demonstrando a intenção de influenciar. Fala-se não somente para informar nosso receptor, mas para interrogá-lo, dar-lhe uma ordem, tomá-lo por testemunha de um desejo. Segundo Lopes (2003, p. 52):

Se tomarmos a comunicação como um fenômeno de percepção e troca, não podemos reduzi-la à transmissão de informação, ou seja, os meios não são necessariamente de comunicação. Os meios podem veicular informação e a veiculação da informação é uma das etapas do estabelecimento da comunicação, mas a veiculação por si não indica um fenômeno se temos por comunicação os encontros perceptivos entre agentes e os produtos cognitivos que emergem.

Atualmente, a reestruturação de aspectos que perpassam a organização do trabalho, ratificadas pela automatização, informatização, pelas novas relações de trabalho já abordadas neste artigo, solicita cada vez mais diálogos hierárquicos, assim como falas diversas que se relacionam à atividade do trabalho. Surgem cada vez mais tipos diversificados de documentos, que se valem da atividade da linguagem para estabelecer as negociações e trocas necessárias para a manutenção do relacionamento entre as organizações e seus diferentes públicos. A linguagem pode funcionar como testemunha das mudanças no trabalho, também pode ser fonte empírica e oral para registros, obter e fornecer dados.

A linguagem autorizada, ou seja, reconhecida e prescrita, atravessa várias questões do dia a dia do trabalhador. Para Faitá (2005, p. 21), o trabalhador, na sua atividade profissional, decodifica continuamente ilhas de informações complexas, produzidas por 3 parâmetros: por fatores que fazem variar a própria ferramenta que eles manipulam; pelo estágio em que se encontra o processo de fabricação do produto ou serviço que eles executam; pela configuração de seu ambiente em um dado momento.

Os discursos comunicacionais regulam e re-regulam a experiência do trabalho e neste sentido, criam e fabricam, por meio de conceitos, as atividades realizadas. Enquadram em parâmetros técnicos, jurídicos, políticos, organizacionais, culturais, a experiência. Porém, conhecer estes conceitos abre espaço para o trabalhador repensar suas atividades. Segundo Schwartz (2007, p. 141), “A linguagem desempenha um grande papel na atividade, mas a atividade ultrapassa, apesar de tudo, o que as palavras podem dizer sobre ela”.

A linguagem é indispensável para falar sobre a experiência, para antecipar a experiência e, por outro lado, a história está aqui, sempre ultrapassando

a experiência, em uma espécie de antecipação daquilo que a linguagem poderia posteriormente dizer acerca da experiência. (SCHWARTZ, 2007, p. 147).

Após estas abordagens, fica claro o *locus* do trabalho como espaço de produção do saber. Igualmente fica claro que, em muitas situações, como já referido anteriormente, este saber é excluído do saber legitimado como técnico ou científico, inclusive pelos próprios trabalhadores, o que é sério quando se pensa na perspectiva de um trabalho emancipado. Destacam-se, abaixo, alguns excertos da pesquisa realizada na Cooperativa de Produção Cristo Rei Ltda., metalúrgica que produz utensílios domésticos, que refletem algumas trajetórias do trabalho humano reproduzidas na dinamicidade do trabalho, nas trocas estabelecidas ou criadas, e na capacidade do indivíduo em adaptar-se às novas conjunturas.

#### 4 Textos em Destaque: Algumas Considerações

*Não saber é a mesma coisa que não enxergar direito. É a mesma coisa. Quem não enxerga, não sabe. Por isso quando eu peguei, eu pensei: “Nunca vou aprender isso aí”. Capaz, eu aprendo.*

Como já abordado anteriormente, a economia solidária possibilita a igualdade e a solidariedade, elementos importantes para a produção e o acontecer de um trabalho associado. E o trabalho sempre pressupõe um (re)fazer constante e uma sociabilidade inerente, mas, aqui, interessa perscrutar quais os saberes presentes no dia a dia dos trabalhadores e como praticam estes saberes, a partir do trabalho associado e cooperativado, que pressupõe um fazer coletivo, resultante de diálogo, da interação, do planejamento e negociação. Destacam-se alguns excertos, na qual o trabalhador diz que foi aprendendo estudando e observando. É do trabalho que parte suas aprendizagens, as suas relações, inclusive a oportunidade de “ensinar”, aqui observando como prática educativa, aos outros, a sua experiência, evidenciando um *ethos* de solidariedade de classe trabalhadora.

*Um vai ensinando o outro e vamos aprendendo. Força de vontade faz tudo.*

*[...] fui aprendendo cada vez mais, estudando... Assim, vendo como é que é. Não é que a gente tivesse estudo, mas os próprios da vida, né [...] Ah! Muitas vezes, depois, eu já fiquei com compromisso de ensinar outros, a botar outros a trabalhar.*

*Acho que teria ser primeiro gostar de trabalhar, ter força de vontade e ajudar um ao outro, se não... uma cooperativa tem que ser assim.*



Os saberes produzidos pelos trabalhadores têm implicações diferentes para quem está prescrevendo e para quem está executando. O trabalhador, na medida em que retoma elementos de sua trajetória pessoal, está expressando alguma coisa que lhe é singular. São interesses, desejos, vontades, que fazem parte do seu projeto de vida, mas que está em relação com o outro.

*Cooperativa autogestionária ou solidária, mas solidária não é só no, na hora de receber a quantia igual. Solidária tem de ser na hora do trabalho também.*

Trabalhar de forma associativa e autogestionária demanda saberes técnicos, políticos, éticos, e vai além da gestão autônoma da tarefa específica de cada trabalhador. “A cooperação envolve sempre comunicação, como afirmação e reconhecimento de interesses e pontos de vista diversos e como diálogo para a fundamentação de entendimentos em níveis mais altos”. (MARQUES, 1980, p. 34). Exige do trabalhador dimensões do conhecimento que se entrecruzam, moldadas por desafios que os coloca em confronto de não somente potencializar sua inteligência e trajetória para o exercício da sua atividade, mas também a sua inteligência e trajetória na possibilidade da atividade do outro. Há uma aprendizagem colocada em jogo, que vai muito além da técnica, que é de foro íntimo, pois, esta forma de trabalhar exige o reconhecimento do trabalho do outro, e enxergar neste, o seu trabalho.

*[...] nós paramos e vamos conversar pra ver o que é que nós vamos fazer, se dá, se nós conseguimos fazer, por exemplo, quando tá muito apertado de serviço lá, e nós temos que fazer umas peças pra cá, e aí nós dissemos, “... nós vamos ter que parar com uma e vamos ter que botar essa”, pra liberar aquilo lá dentro, então quer dizer que, no nosso caso, nós dois, paramos, nós conversamos.*

Segundo Braga, Calazans (2001, p. 25), as interações face a face são “construídas em tempo real das trocas, na dependência sucessiva das reações e respostas entre interlocutores”. Este tipo de comunicação, simétrica, é viabilizada devido à troca de saberes e de experiências em comum, de tensões e cumplicidade. Ainda, segundo o mesmo autor (p. 25), “Esta construção, embora dependendo largamente de bases prévias trazidas para a troca pelos interlocutores, não está pronta ao ser iniciada: existe e se constrói na interação”. Seguem alguns comentários.

*Tem que ter uma comunicação entre nós, pra nós evitar quebrar as máquinas, temos que estar se comunicando. [...] ele trabalha numa máquina que manda o serviço pra mim, então, eu tenho que conversar com ele, pergunta pra ele, se ta boa a chapa ou não ta, temos que acertar a espessura pra não forçar o motor, estragar a máquina.*

*É um pouco difícil no começo, mas depois a gente pega a prática. Não tem problema nenhum. Ah! é um pouquinho difícil, tudo o que é começo é difícil, né. Só vai da prática.*

O homem, social e historicamente, é capaz de aprender. Portanto, aprender é criar, é construir e reconstruir. Colocar em palavras as ações e experiências realizadas na atividade é criar conceitos, é lidar com conceitos, mesmo que estes, em um determinado tempo, tenham que ser revisados, reescritos. “*É bom, é bom, porque a gente erra, acerta, todo mundo tem os seus erros, mas é bom. E aprende também, e aprende, pode passar para outros amanhã,...*”. Destaca-se que há uma relação entre o sujeito que produz o saber com o trabalho e o saber que o mesmo produz no trabalho. Esta relação é única e singular e tem a ver com a subjetividade do trabalhador, sua história e interesses. Este trabalhador vai se mobilizar em função do significado que este trabalho tem para ele.

*Aqui a gente tem de procurar o serviço e fazer bem. Se tem problema, tem que tentar, procurar, se não sabe, não conseguiu, tem de pedir para alguém que sabe, porque que tá dando o problema.*

A interlocução entre os sujeitos estabelece-se nos diversos lugares de construção das organizações, ou seja, político, econômico, tecnológico, social, cultural. No depoimento “*Depende do assunto vai pra reunião, depende com a diretoria ela tem poderes pra resolver muitas coisas. Depende vai pra reunião, depende não, a diretoria resolve e a gente encaminha*” percebe-se o espaço político como lugar das decisões e que implica, inclusive em questões econômicas e de sobrevivência da cooperativa.

Porém, há também outros espaços de decisão do trabalhador, que é na microgestão do seu trabalho, lugar do experimento de sua autonomia e do saber acumulado. A atividade do trabalho implica gerir procedimentos, regras, costumes e isto pressupõe escolhas, arbitragens, hierarquização de atos e objetivos, como pode ser perceber nos textos abaixo.

*[...] mas a maior parte eu vim aprender aqui, na cooperativa, porque aí a gente sabia que ia ter que tomar iniciativa, naquele tempo não, tinha um problema, levava para o patrão e agora não, agora a gente tem que assumir esse problema[ ...].*

A linguagem utilizada nos processos comunicativos internos é recriada em função da busca de qualidade da produção, mas também das relações internas e dos valores e princípios pertinentes às organizações cooperativas. Seguem alguns excertos.

*[...] a pressão da máquina onde cortar, esta rebarba que não pode ficar muito grossa, a gente tem que ir controlando não pode tá demais porque pode quebrar uma engrenagem numa máquina, quebra um [...] de uma máquina desta, pelo amor de Deus, então a gente tem que ir levando aos pouquinhos até chegar ao ideal.*

*Às vezes[...] eu penso assim: “Não, mas este friso está um pouco largo”.  
Daí eu digo assim, “Não, mas eu digo, eu posso diminuir um pouquinho”.  
Eu vou, regulo a máquina e faço.*

Nos empreendimentos de economia solidária a cooperação e a colaboração recíproca é estatutária, conforme mostra o seu Estatuto.

[...] a COOPEREI, com base na colaboração recíproca a que se obrigam seus associados, tem como finalidade primordial a defesa econômico-social de seus associados, organizando o trabalho individual e tratando de seus interesses junto a terceiros, sem objetivo de lucro, nas áreas de prestação de serviços, beneficiamento, industrialização e respectiva comercialização de produtos e para exportação, bem como atividades correlatas ao ramo (2001, p. 1).

A partir das abordagens realizadas acima, percebe-se o exercício da colaboração e da reciprocidade entre os associados envolvidos na atividade do trabalho, para além do que conforma o Estatuto da cooperativa. No seu fazer e pensar estão presentes os saberes construídos nos percursos sócio-históricos dos sujeitos, os quais são articulados pelo diálogo e interação. Destaca-se que o espaço organizacional é um lugar de subjetividades, de relações interpessoais, de produção de sentido. Ainda, é também é um lugar de diversidades, conflitos e transações. Para Wolton (2011, p. 62, grifo do autor), “*Comunicar é cada vez menos transmitir, raramente compartilhar, sendo cada vez mais negociar e, finalmente, conviver*”. Enfatiza que na comunicação “não se pode negar a abertura ao outro, não se deve esquecer o receptor, é preciso reconhecer a importância da negociação”. (2011, p. 62). Nos vários ambientes organizacionais, a convivência com identidades diferentes e o reconhecimento dessas identidades, o respeito à visões de mundo diferentes e contraditórias são condições para a construção de um ambiente harmônico, solidário e cooperativo.

### **Algumas Considerações Finais**

Em relação à explicitação do inventário de saberes apresentados, que poderiam ser considerados gerais e de certa forma universais para o exercício do trabalho associado, a COOPEREI deixa como “luzes” o idealismo, a seriedade como empreendimento individual e reconhecimento de que está inserida num contexto muito maior.

Percebe-se, em alguns excertos, a interação dialógica como uma relação horizontal entre os sujeitos, mediada por conteúdos originados da experiência, das relações, das obrigações, de uma ocasião, ou seja, da vida. Alguns depoimentos remetem a outras necessidades, como em qualquer trabalho, demandando um conhecimento específico. Neste

caso, a produção de utensílios domésticos necessita de um saber sobre como produzir estes utensílios com alumínio. Implica o domínio de técnicas, mas que não são desligadas dos princípios mais gerais da organização e características do trabalho associado, enquanto modelo autogestionário, considerando o trabalhador como um sujeito de cultura, o que leva ao surgimento de novas formas e sentidos para o trabalho. Ainda, destaca-se a indissociabilidade dos saberes e da comunicação, aqui estudados e reconhecidos a partir das trocas e dos diálogos estabelecidos na atividade do trabalho.

Reconhece-se a citação de Faïta, quando instiga o pesquisador a progredir no conhecimento, buscando no saber do operário algumas respostas, “[...] fazer a própria experiência operária ensinar” (2005, p. 22), em vez de ir a campo somente para testar alguma teoria. Neste sentido, o desafio de colocar em palavras todas as ações e experiências dos trabalhadores permite reconhecer que esta também é uma situação de aprendizagem para o trabalhador e para o pesquisador.

## Referências

- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001. 164 p.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 159 p.
- CULTI, M. N.; KOYAMA, M. A. H.; TRINDADE, M. **Economia solidária no Brasil: tipologia dos empreendimentos econômicos solidários**. São Paulo: Todos os Bichos, 2010. 120 p.
- COOPERATIVA DE PRODUÇÃO CRISTO REI LTDA. **Estatuto Social**. São Leopoldo, 2001.
- FAÏTA, D. Falar do trabalho, trabalhar a fala. In: FAÏTA, D. **Análise dialógica da atividade profissional**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2005. p. 15-53.
- FISCHER, M. C.; TIRIBA, L. Saberes do trabalho associado. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J-L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. São Paulo: Almedina, 2009. p. 292-8.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 79 p.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.
- LEITE, M. P.; ARAÚJO, A. M. C.; LIMA, J. C. **O trabalho na economia solidária: entre a precariedade e a emancipação**. São Paulo: Annablume, 2015. 401 p.
- LOPES, M. I. V. de (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. 345 p.

MARQUES, M. O. Comunicação e educação cooperativistas no Brasil. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 10, n. 7, p. 33-50, 1980.

MARQUES, M. O. **Educação/interlocução, aprendizagem/reconstrução de saberes**. Ijuí: Unijuí, 1996. 142 p. (Coleção Educação).

NAHAS, V. G. Autogestão. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 36-41.

SANTOS, E. H. Ciência e cultura: uma outra relação entre saber e trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 7, p. 119-130, jul./dez. 2000.

SCHMITZ, V. R. **Microgestão e produção de saberes**: desafios para a autogestão em iniciativas de trabalho associado. Um estudo da Cooperativa de Produção Cristo Rei Ltda. – Cooperei. 2009. 226 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e saber. **Revista Trabalho & Educação**, v. 12, n. 1, p. 21-34, jan./jun. 2003.

\_\_\_\_\_. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e ergologia**; conversas sobre a atividade humana. Tradução Jussara Brito e Milton Athayde et al. Niterói: EdUFF, 2007. p. 133-150.

SENNET, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 189 p.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007. 464 p.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 96 p.